

PROSTITUIÇÃO, CIDADE E IMPRENSA: UM ENSAIO SOBRE ARACAJU NA ERA VARGAS (1937-1945)

WALDEFRANKLY ROLIM DE ALMEIDA SANTOS*

EUDORICA LUCIANA ALMEIDA LEÃO**

Resumo: O presente artigo pretende analisar algumas representações sócio-espaciais que envolvem o passado da cidade de Aracaju durante o regime ditatorial do Estado Novo no Brasil (1937-1945). A imprensa periódica, os memorialistas e os escritores que a descreveram se detiveram na caracterização dos espaços da cidade e na produção de representações sócio-espaciais, muitas vezes contraditórias. A imprensa, por exemplo, se ocupou, nessa época, em exibir as ações do governo para conter os problemas que poderiam ameaçar as políticas eugenistas do Estado, e contribuiu para personificação e combate à prostituição feminina e aos espaços de sua atuação. No foco das representações, também se destacam, entre outras coisas, a periferia da cidade, os espaços de lazer e sociabilidades e sua população. Memorialistas e escritores, somados a imprensa periódica (e as diversas vozes e representações que se revelam), se fizeram muito importantes

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do curso de História da Universidade Tiradentes. E-mail: <wrolim@hotmail.com>.

** Especialista em Tecnologias Educacionais (UNIT) e graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: <eudoricaluciana@yahoo.com.br>.

como instrumento de caracterização e caricaturização dos espaços e dos consumidores da cidade, bem como, foram (são) responsáveis por alimentar uma determinada compreensão dos corpos e dos papéis sociais dos gêneros no espaço urbano aracajuano.

Palavras-chave: Prostituição; Imprensa; Espaço Urbano.

***Abstract:** This article analyzes some socio-spatial representations involving the past of Aracaju city during the dictatorial regimen of the New State in Brazil (1937-1945). The periodical press, memoirs, and the writers who have described it lingered themselves in the characterization of city spaces and the production of socio-spatial representations, several times contradictory. The press, for example, occupied itself this time in view the government's actions to contain the problems that could threaten the eugenic policies of the state, and helped to combat impersonation and female prostitution and its performance spaces. In the focus of the representations, also they are distinguished, among other things, the city periphery, leisure spaces and sociability and its population. Memoirists, and writers, added periodical press (and the various voices and representations that show), they became very important as a tool for characterization and caricature spaces and consumers in the city, as well as, they had been (they are) responsible for feeding one definitive understanding of bodies and social papers of gender in aracajuano urban space.*

Key-words: Prostitution; Press; Urban Space.

“Parece-me que os controles da sexualidade se inscrevem na arquitetura.”¹

No ano de 1949, a *Revista de Aracaju* publicou um artigo intitulado “Namoro e urbanismo”. Bastante singular entre as publicações sergipanas da época, tinha como objetivo apresentar um ensaio sociológico que evidenciasse a influência do traçado urbano de Aracaju, bem como da configuração arquitetônica da maioria das habitações aracajuanas sobre os comportamentos dos namorados e sobre o tipo de namoro praticado na cidade. O autor do artigo, Alberto Barreto de Melo, classificou como preconceituosa a sociedade patriarcal e, de certo modo, revelou como o traçado urbano de Aracaju garantiu a permanência das formas morais da tradição patriarcal brasileira, através da conservação de mecanismos de controle dos “transbordamentos sentimentais da mocidade”, do comedimento das relações afetivas, da moralização das condutas. Tais controles, segundo o autor, “conseguiram, inibindo os instintos menos domesticáveis, estereotipar o amor no modelo acanhado e anti-natural do namoro.”²

Antes de parecer ousado, o artigo se revelou inovador dentro das abordagens sobre a cidade de Aracaju. Ao seu modo, conseguiu aproximar o tema da sexualidade com a arquitetura e o urbanismo,

¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 213.

² MELO, Alberto Barreto. Namoro e urbanismo. *Revista de Aracaju*. Aracaju, n. 3, p. 47-55, 1949.

retirando dos últimos a dureza da abordagem em razão de aspectos que se inscrevem no campo da subjetividade.

Por outro lado, desde a década anterior a publicação do artigo em questão, os temas vinculados à sexualidade ou a práticas sexuais passaram a ser muito recorrentes na imprensa Sergipana.³ Durante o período compreendido como Estado Novo (1937-1945), os periódicos sergipanos não somente intensificaram o tema, mas exibiram um dos principais motivos dessa preocupação: as doenças sexualmente transmissíveis, em particular a sífilis e a gonorréia, e, por sua vez, a ameaça que poderiam representar às políticas eugenistas que nesse período alimentavam um dado modo de compreender os corpos e os papéis sociais dos gêneros nos espaços urbanos, bem como as tecnologias de controle dos corpos exercidas pelo Estado. É sobre este período que se dedica este artigo.

A imprensa se ocupou, durante o Estado Novo, em exibir as ações do governo para conter os problemas vinculados às práticas sexuais, revelando os mecanismos utilizados de controle e melhoria dos corpos. A valorização do conhecimento técnico-científico assim foi avivada. Na base da transformação da cidade em espaço saudável se encontrava o conhecimento médico-científico e suas categorias biológicas, que de certo modo alimentaram o repertório conceitual

³ Sobre o tema, ver a compilação de fontes: SOUZA, Alyne Santana de; LIMA, Luciana. *Notas sobre a educação sexual na imprensa sergipana*. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, 2008; sobre a apologia corporal na Era Vargas, consultar MAYNARD, Dilton. A redenção da raça: apologia corporal na Aracaju dos anos 30 e 40. *Revista de Aracaju*. Aracaju, n. 11, p. 87-102, 2005.

dos urbanistas de forma operatória. Diante disso, também a cidade foi pensada como um corpo que, por sua vez, demandava a existência de um profissional que tivesse a competência de conhecer, diagnosticar, prescrever, receitar, operar.

Isso foi possível porque os modelos explicativos utilizados pelo urbanismo, que se iniciou como disciplina no século XIX, partiram de concepções biológicas e médicas do próprio século. Metáforas, vocábulos, conceitos, descrição, interpretação e intervenções sobre as cidades foram possíveis a partir dos instrumentais fornecidos por esses saberes.

Os urbanistas revestiram-se de categorias generalizantes e biológicas como “corpo”, “organismo” e, contemporaneamente, “(ecos)istema” para pensar a cidade.⁴ Essas categorias foram responsáveis (e de certo ainda são) pela formulação do conceito de meio ambiente urbano e contribuíram para redução de sua complexidade. A questão é que, de analogias, elas se estabeleceram como modelos explicativos com forte capacidade técnico-científica de intervenção sobre os ambientes. Foucault ressaltou que “a inserção da medicina no funcionamento geral do discurso e do saber científico

⁴ SILVA, Marcos Virgílio da. *Naturalismo e biologização das cidades na constituição da Idéia de Meio Ambiente Urbano*. 2005. 246 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

se fez através da socialização da medicina, devido ao estabelecimento de uma medicina coletiva, social, urbana. A isso se deve a importância da medicina urbana.”⁵

As metáforas e as analogias biológicas se espalharam na imprensa sergipana e entre escritores diversos da década de 1930, que as utilizaram em seus repertórios textuais quando trataram da cidade e de seus problemas. Desse modo, os bairros, as praças, as ruas, etc, um repertório de elementos entendidos como problemáticos no convívio urbano, foram apresentados como doenças que precisavam de tratamento. Os bairros, ruas e praças foram abordados, muitas vezes, como pertencendo a um grande corpo que se apresentava, ora “trêfego” e sadio, ora cancerígeno e doente, precisando de tratamento. Assim sendo, Mario Cabral ao se referir ao Curral, uma das regiões marcadas pela literatura como território da pobreza, afirma ser sua presença na cidade um verdadeiro câncer.⁶

Assim, se continuarmos nossa exposição com a metáfora do corpo, surge uma pergunta que não pretendemos desenvolver, mas que é bem convidativa para reflexão: se a cidade é organismo, especificamente um corpo, resta saber de que corpo se fala (gênero),

⁵ FOUCAULT, op. cit., 1999, p. 92.

⁶ CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju*: guia sentimental da cidade. Aracaju: Regina, 1948.

ou pelo menos que se deseja. Talvez um poema de Junot Silveira, de 1944, nos revele o quanto estamos próximos de responder: “ali pertinho, na cidade Loira, travessa, trêfega, e vaidosa.”⁷

Se a cidade é um corpo, onde ficam as suas zonas erógenas?

O papel dos memorialistas e escritores que se dedicaram a escrever sobre Aracaju nas décadas que tratamos neste artigo e nas posteriores, foi importante para um dado modo de compreender a cidade. Com suas canetas, traduziram os prazeres da noite, caracterizaram ruas, praças e bairros, definiram tipos, tempos, territórios. Tudo com a autoridade invocada pela experiência empírica dos relatos que fizeram e pela memória. Transformaram-se em consultas primárias para quem deseja tratar da cidade no período. Empenharam-se em revelar, também, as zonas de prazer e diversão da cidade de Aracaju. Construíram uma representação sobre os espaços de diversão que carregam um misto de sedução, de nostalgia, de curiosidade e de preconceito.

Assim, retornando a pergunta básica: Se a cidade é um corpo, onde ficam as suas zonas erógenas? Podemos, no mínimo, arriscar que são as regiões mais escondidas. Quando o poeta se refere acima sobre a cidade de Aracaju como loira, antes ele escreveu: “enquanto isso ali pertinho”. A cidade de Aracaju aparece, então, dividida entre o seu cartão postal, centro, região de maior controle

⁷ SILVEIRA, Junot. Curral. *Correio de Aracaju*, 18 out. 1944.

e policiamento dos comportamentos e uma outra, mais escondida, que nem todos, pelas conveniências morais da época, se arriscavam em visitar: a sua periferia! As regiões escondidas aparecem nos relatos muito mais como espaços do prazer que como lugar de moradia das populações com menor nível de instrução e/ou como lugar de muitas pessoas que vieram do interior à procura de trabalho e que tinham modos de habitar diferenciados.

Se, atualmente, a nossa imagem da cidade nos permite classificar seus espaços a partir dos elementos que povoam nosso imaginário, e que sublinhamos como os mais perigosos e ameaçadores sem nunca termos ido, vivido ou mesmo morado nele, talvez, a partir disso, outra pergunta possa ser formulada para nossa reflexão: onde moravam aqueles que escreveram e se dedicaram a tratar da periferia, dos locais do prazer da cidade? Com que intimidade eles penetraram nesse corpo? Com que compromisso assumiram o preço por explorar as partes mais escondidas?

É bem verdade que tais questões estão inscritas no campo das representações. Ao adentrarmos nelas estamos em campo minado, conflitivo, de nossas representações sociais sobre os espaços e sobre quem os consome e produz. Fazem-nos refletir sobre as fontes que confiamos, no repertório de imagens que marcam um dado modo de se ler o passado e o uso desses espaços.

Representações espaciais e imprensa

*“Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve.”*⁸

Entre as questões mais comuns tratadas pelos escritores da cidade, se encontra a discussão sobre os espaços de prostituição. A imprensa se dedicou a eles, denunciando locais, criticando hábitos e definindo regiões admissíveis ao exercício. Na década de 1930 e na seguinte, as políticas de prevenção e combate às doenças sexualmente transmissíveis definiram a prostituição como seu inimigo maior, e ao fazê-lo transformaram o problema sexual, também, em problema de gênero. A mulher aparece como transmissora, em potência, nas propagandas do governo e nas notas mais moralistas.

Para muitos intelectuais que assinavam artigos em periódicos locais, a prostituição era um hábito que precisava ser banido, que atrapalhava o progresso da cidade. Em seus textos, estes homens sugeriam quase sempre locais específicos, tradicionalmente considerados territórios da promiscuidade. Em sua maioria, tais áreas estavam compreendidas dentro do que o Código de Posturas de

⁸ CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 59.

1938 definiu como “Zona Residencial”, na qual a maioria da população era composta de pessoas de classe média baixa ou baixa. É o caso de áreas como o Bomfim, o Curral e da rua de Siriri.⁹

Assim, as zonas demarcadas pelo Código não condiziam muito bem com a realidade, espalhando-se desse modo as casas de diversões (estas podendo abarcar estabelecimentos de naturezas variadas) pelas zonas residenciais. Oficialmente, o Bomfim e a rua de Siriri estavam classificados como espaços residenciais e, por conseguinte, “incompatíveis” com o comércio do sexo.¹⁰

Consequentemente, a rua do Bomfim e da Vitória, por exemplo, deveriam estar submetidas à mesma legislação que as regiões residenciais próximas ao centro. Todavia, a demarcação espacial era também delimitação social, e o Bomfim seria lembrado como o local da bagunça, do descontrole, do desrespeito à moral:

A rua do Bomfim, é um mau fim para todos. É a rua do frege, da pancadaria, do pinga tostão, do mulherio de terceira classe. Bares cavernosos [...] abrem dentro da noite as suas portas de fogo. São o ‘Moulin Rouge’ da arraia miúda.¹¹

⁹ RIBEIRO, Freire. *O Nordeste*. Aju, 26 jan. 1939.

¹⁰ Sobre a rua do Bomfim e a rua de Siriri, ver MELINS, op. cit., 2001; RIBEIRO, op. cit., 1939; CABRAL, op. cit., 1948 e AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Martins, 1972.

¹¹ *O Nordeste*. Aju, 26 jan. 1939, p. 1. “A rua do Bomfim, é um mau fim para todos.” O autor desta nota refere-se a famosa casa francesa (região de Pigalle) de espetáculos, que era “um misto de salão de bailes, teatro, galeria de artes, jardim de inverno e ponto de encontros que com suas dançarinas de canção e coristas faziam enlouquecer seus frequentadores. MOULIN ROUGE – História. Disponível em: <<http://www.visa.com.br/conteudo/moulinrouge/historia.html>>. Acesso em: 12 set. 2002.

Sendo assim, era para lá que deveria ser banido qualquer tipo de “carnaval fora de hora”, de desregramento, de desvios de conduta, capazes de incomodar o sono burguês, afetando a moral e os bons costumes. Um exemplo disso apareceu em 10 de junho de 1939 em nota do impresso *Folha da Manhã*, atribuída aos moradores da rua de Maruim:

Os moradores da rua de Maruim com Itabaiana, estão alarmados com o batuque do marceneiro Salvador. Não é possível que em pleno centro residencial de famílias, consinta a polícia até altas horas da noite zabumbas e batuques ensaiando pra S. João sem parar, grande parte da noite. [...]
Se o seu Salvador quizer batucar vá batucar na rua da Vitória, no Bomfim [...].
Mas fazendo onde faz não está direito.¹²

Também inscritas na Zona Residencial, a rua do Bomfim, o Curral, a rua Siriri, territórios do “populacho” incomodavam por ferir um processo normalizador idealizado. Nestes espaços viviam diversas famílias que, por sua vez, também reclamavam da falta de moral presente naquela região e das vistas grossas feita pelos policiais, que em seus horários de folga, eram habituais frequentadores do local.

Circulando pela cidade em horas “impróprias”, meretrizes e boêmios alimentavam a acidez dos periódicos locais. O *Correio de Aracaju*, em 15 de julho de 1941 publicou nota afirmando que famílias residentes na região da rua de Laranjeiras entre Siriri e Rosário reclamavam das constantes “desordens verificadas à noite em

¹² COM VISITAS À POLÍCIA. *Folha da Manhã*. Aju, 10 jun. 1939. Sobre o batuque de Seu Salvador é um abuso.

algumas casas daquele trecho habitadas por mulheres de vida virada.” A nota informava ainda: “ante-ontem mesmo originou-se em certa casa séna de discussão, em altas vozes com ameaça de uso de armas.” O informativo sergipano exigia represálias: “impõe-se uma providência enérgica em nome mesmo do respeito e direito a tranquilidade que tem as famílias residentes no trecho. A cavalaria de ronda tem as vezes intervindo o que porém, não impede a repetição das condenadas cenas.”¹³

Essas exigências tiveram respostas na nota do *O Nordeste*, em 02 de agosto de 1939: “uma grande leva de meretrizes foi abucanhada pela nossa polícia de costumes a fim de dizer porque não respeita as famílias que também residem à rua do Bomfim.”¹⁴ Anos depois, ainda é possível encontrar reclamações semelhantes no mesmo jornal: “enquanto toda cidade de Aracaju dorme, os boêmios, os amantes das madrugadas, ficam a beber, á gargalhar nos “cabarés”.” O periódico mostrava indignação ainda maior pelo fato da balbúrdia não apresentar a costumeira “exclusividade” masculina: “não só os homens como as mulheres ao voltarem para as suas casas, vão cantando, gargalhando, e pronunciando nomes indecorosos que se espalham pelo ar e penetram nos lares.”¹⁵

¹³ *Correio de Aracaju*. O Povo de Queixa. Aju, 15 jul. 1941.

¹⁴ *O Nordeste*. “Nas malhas da polícia” – “Falta de moral”. Aju, 02 ago. 1939.

¹⁵ COM VISTAS A POLÍCIA. *O Nordeste*. Aju, 22 jul. 1941. *O Nordeste na Sociedade*.

Nas décadas de 1930 e 1940, Aracaju crescia em dimensão e em infra-estrutura. O governo do prefeito Godofredo Diniz, propagandeado como “o embelezador da cidade”¹⁶, foi marcante no setor urbano graças a intervenções na paisagem da capital. Todavia, a cidade não oferecia muitos pontos de diversão e de entretenimento noturno.

Nas décadas de 1930-40, a Zona do Bomfim aparece, nos relatos sobre ela, como ponto importante de entretenimento e, de certa maneira, difusor da prostituição. Região recorrente nas referências sugeridas sobre o exercício dessa atividade. Mellins a situa como “ponto central” da zona do meretrício de Aracaju.¹⁷

Antes de tudo, a zona do Bomfim era zona residencial. Era formada por uma grande região em que eram englobadas várias ruas, no geral, periféricas ao centro. A rua do Bomfim (atual avenida 7 de setembro), não se confunde com a zona, mas é incorporada a elas, assim como a rua Vitória (atual Carlos Bulamarque), a rua Divina Pastora, que são paralelas. A rua Siriri, a baixa de Pedro Calazans (nas imediações do local denominado por Curral), até mesmo as proximidades do Alto da Borborema (no elevado da rua São Cristóvão), estendia-se a Zona do Bomfim.

¹⁶ *Folha da Manhã*, Aju, 25 jan. 1939: Nossa Praia Balneária. – A nota dá ao prefeito o título de “embelezador da cidade”. Com o Estado Novo, para o autor do texto, um ambiente de preocupação igualitária e de embelezamento se instalou.

¹⁷ MELINS, op. cit., 2001, p. 117.

Mellins, Maynard e Cabral fazem uma descrição dos vários pontos de exercício do meretrício da cidade, dentre eles a rua Largo, Simão Dias, Siriri, Vitória, Divina Pastora, João Pessoa, Laranjeiras, Otoniel Dórea, atual avenida Carlos Firpo, avenida Pedro Calazans, e a região dos mercados, em especial o Beco dos Cocos, oficialmente denominado Travessa Silva Ribeiro.¹⁸

Nesse beco concentravam-se uma quantidade considerável de estabelecimentos de exercício da prostituição, os mais elegantes da cidade, o que de certa maneira representava uma contradição, na medida em que se localizavam ao lado e nos fundos da Secretaria da Saúde, um dos prédios mais elegantes e modernos construídos no período (1938). Era no beco dos Cocos que

[...] se concentravam as mais caras e bonitas damas da noite. Mulheres de vida, mas que devido a discrição dos seus trajes e maquiagem, freqüentavam normalmente o comércio das ruas João Pessoa e Laranjeiras, iam às matinês do Rio Branco, Rose e Vitória, confundindo-se com as madames e senhoritas.¹⁹

Essa característica da prostituta que não incomoda visualmente, de certa forma está enraizada nas concepções estéticas da cidade. Na época, o cronista Mário Cabral lembrava que “hoje não há

¹⁸ MELINS, op. cit., 2001; CABRAL, op. cit., 1948 e MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Em tempo de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. UFS/PIBIC/CNPq. Relatório final. Ago. 1998.

¹⁹ MELINS, op. cit., 2001, p. 119.

zona determinada para a prostituição que se espalha, insidiosamente, por todos os pontos da cidade”²⁰, inclusive em bairros mais distantes e populosos, como o Aribé (Siqueira Campos) e o Industrial.

Sendo assim, os bordéis, os cabarés, os cassinos, os territórios da prostituição, os redutos da “arraia miúda” findavam constituídos enquanto espaços importantes na dinâmica da sociedade aracajuana. Tais locais permitiam ainda que indivíduos, à margem do processo de reelaboração de práticas, cumprissem papéis que em nenhuma outra esfera teriam possibilidade de exercer.²¹

Recai sobre eles, portanto, um saber que se liga às tecnologias de controle dos corpos, e que se inscrevem no universo das tecnologias de controle dos desejos, sobretudo aqueles ligados a sexualidade. Foucault dedicou-se, em vários de seus estudos, a pensar essas tecnologias e saberes. Inês L. Araújo, ao comentá-lo, afirma que

[...] os discursos médico-jurídicos se impõem pela força que os pareceres técnicos têm. Não se pensa em contestá-los, ou melhor, nossa sociedade nem tem como constesta-los. O dispositivo da sexualidade marca o sexo, seus desvios, desejos, prazeres, motivações, levando ao diagnóstico das personalidades ‘desviantes’ ou ‘anormais’.²²

²⁰ CABRAL, op.cit., 1948, p. 75.

²¹ SILVA, Luiz Antônio Machado da. O significado do botequim. In: BERLINK, Manoel Tosta et al. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 77-114.

²² ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: EDUFPR, 2000, p. 156.

Segundo Rago, o bordel era antes de tudo “um espaço de convívio, os homens liam poemas, discutiam política [...]. Isso envolvia sociabilidade, troca de experiências.”²³ Sendo assim, os cassinos e os cabarés eram locais de encontro de pessoas atrás de bebidas, conversas e mulheres.

As casas de diversão nem sempre eram locais inteiramente dedicados à prostituição. Mesmo que esta fosse presente, muitos procuravam tais espaços para encontrar os amigos, conversar, dançar e, por vezes, ao fim da noite, caíam no colo de algumas mulheres. Alguns dos seus frequentadores eram figuras ilustres da intelectualidade sergipana. Exemplo deste convívio assíduo, quase cotidiano, é a presença marcante dessas “casas de diversão” na literatura acerca da cidade Aracaju.²⁴ Diversos memorialistas que tomaram a capital sergipana como palco das suas aventuras não deixaram de registrar fatos curiosos sobre aqueles locais.

Um destes memorialistas, o já citado Mário Cabral, registrou no *Roteiro de Aracaju* que o “Vaticano”, conhecido espaço de prostituição, foi construído “de forma meio que improvisada.” A estrutura arquitetônica e a carga decorativa presente nesse grande edifício de dois pavimentos, situado em frente ao mercado municipal, lembravam a do Vaticano, sede do Estado Papal, provindo daí seu luxuoso nome.

²³ RAGO Apud SAMPAIO, Paulo. Dever e Prazer. *Revista da Folha*, 3 fev. 2002, p. 22-25.

²⁴ MAYNARD, op. cit., 1998.

Para Mário Cabral, o Vaticano era “a obra prima do capitalista José da Silva Ribeiro.” Cabral descreveu o edifício como um grande prédio, o maior de sua época. Um verdadeiro labirinto de quartos, corredores, escadas e seres. Ali, informou o cronista, “a cachaça corre a vontade e rara a noite não sucede [...] luta de ‘peixeiras’ afiadas e reluzentes.”²⁵

Murillo Melins refere-se a tal local dizendo que seus aposentos “abrigavam comerciantes, feirantes, algumas famílias humildes e prostitutas”, estas últimas “faziam vida na zona portuária e levavam os embarcações [...] para dançarem no cassino Bela Vista.”

Mellins também relata “a variedade de costumes e comportamentos dos que ali residiam ou transitavam”, lembrando que o “velho Vaticano muitas vezes foi palco de brigas e alguns crimes passionais.”²⁶

Por seu turno, Jorge Amado, em *Tereza Batista cansada de guerra*, descreveu a movimentação em torno do Vaticano. O cabaré de luxo recebeu menções principalmente no primeiro capítulo do romance do literato baiano. A julgar pelo texto, as imagens de Aracaju, do Vaticano, ficaram gravadas na memória de Amado. E foi nas lembranças do labirinto de ruas, praças e pontes que Tereza passeou. Na zona do cais do porto, no Cabaré Paris Alegre, a “Moça de Cobre” fez sua estreia. Em Aracaju, no “primeiro andar do Vaticano”, com

²⁵ CABRAL, op. cit., 1948, p. 114.

²⁶ MELINS, op. cit., 2001.

suas “lâmpadas de luzes coloridas, vermelhas, verdes, amarelas, roxas, azuis”, Tereza Batista enlouqueceu a juventude dourada da cidade.²⁷

Para amenizar a imagem desses espaços para os que vinham de outros Estados e cidades, o governo atuava. Menos literário e mais voltado a aspectos burocráticos e administrativos, o Serviço de Propaganda e Turismo do Estado de Sergipe (SPTS), a cada edição de seu livro de estatísticas, realizava uma exposição da cidade de Aracaju. Nestas publicações, aquele órgão estatal esforçava-se para afirmar as “belezas atrativas” da cidade. Muitas vezes, além de omitir os problemas sociais, o SPTS utilizava-se do eufemismo como recurso para amenizar os possíveis problemas que viessem a comprometer as suas cuidadosas descrições. Um exemplo disto ocorre quando, em 1936, o boletim do Serviço afirma sobre “sua” Aracaju: “todas as ruas obedecem ao traçado moderno, isto é, são delineadas em ângulos rectos, não existindo, siquer, vielas, becos e ladeiras.”²⁸

A existência do lugar conhecido como Beco dos Cocos é amenizada com a denominação de “travessa”. E tal sortilégio semântico não era gratuito. No Beco estavam localizados os cabarés do alto metrício. Todavia, Aracaju era apresentada, no boletim acima mencionado, como circunscrita somente aos limites do Centro Histórico.²⁹

²⁷ AMADO, op. cit., 1972, p. 32.

²⁸ SERGIPE. Departamento Estadual de Estatística, publicidade e difusão cultural. *O Estado de Sergipe em 1935*. Ano II, Aracaju: Gráfica Editora, 1937, p. 3.

²⁹ Ver definição de Centro Histórico em: BARBOZA, Naide. *Em busca de imagens perdidas – Centro Histórico de Aracaju, 1900-1940*. Aracaju: FUNCAJU, 1992.

A rua João Pessoa, principal artéria do comércio aracajuano, com suas “melhores casas de moda, cafês, bars, sorveterias, bomboneries, perfumarias, cinemas, casas de diversões, livrarias e lojas de miudezas”³⁰, era frequentada por famílias respeitadas, jovens estudantes e turistas, visto que nela concentravam-se algumas fontes de entretenimento da cidade.

A presença de pessoas de conduta irregular, como bêbados, mendigos e “mulheres de vida airada”, geralmente assemelhadas as prostitutas, era percebida como causadora de desordens. Irritava e assustava a muitos a possibilidade de manutenção de contatos entre meretrizes e clientes por aquelas bandas da cidade.

Para o jornal *O Nordeste*, o contato com o corpo prostituto era o contato com um inimigo da moral, “perigo ao futuro dos moços que na ânsia e no delírio da própria idade buscam esquecidos da família, ilusório refúgio, envenenador bálsamo para suas maguas íntimas.” O periódico acrescentava ainda a necessidade de “defendermos o decoro público e mantermos o espírito religioso no povo.” Após classificar como “insulto, ultraje a sociedade”, cujas características eram a “devassidão, deboche, vício, irresponsabilidade”, o jornal propunha para remediar aquela situação, o afastamento daquilo que denominou ainda de “veneno social.”³¹

³⁰ O ESTADO DE SERGIPE EM 1934. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/Directoria de Estatística, 1936, p. 18.

³¹ O BRAHMA. *O Nordeste*. Aju, 13 maio 1938.

A delimitação espacial dos locais de exercício do meretrício obedecia a demarcações indefinidas e imaginárias, que não constavam de artigo particular ou qualquer outro tipo de inciso oficial no Código de Posturas da Cidade. O exemplo do Bar Brahma, observado pelo já citado O Nordeste, e que o anuário estatístico de 1934 define como “cabaret” é singular dentro dessa análise. O jornal colocava que a permanência do Bar Brahma no centro de Aracaju era um atentado, um veneno a moral e defendeu sua retirada para uma zona que pudesse justificá-lo. Obviamente, a distinção do espaço social e a hierarquização do mesmo nos levam a concluir que a periferia da cidade seria a região devida. Como disse o impresso *Folha da Manhã*, de 1939: “Se o seu Salvador quizer batucar vá batucar na rua da Vitória, no Bomfim [...]. Mas fazendo onde faz não está direito.”³²

Em Aracaju, nessa época, surgiram vários bairros populosos, habitados por distintas camadas sociais, donas de seus próprios espaços de diversão. A cidade cresceu para outras direções, principalmente para o oeste, onde surgiram os chamados bairros proletários, como o Aribé (Siqueira Campos).

Era a oeste que estava a Zona da Estrada de Ferro e as oficinas, zona das festas de São João, “zona do barulho”, segundo nos diz Mário Cabral: “com seus cafês dançantes, seus cabarés de ínfima categoria, cheios de soldados, de estivadores, de marinheiros e de prostitutas.”³³

³² COM VISITAS À POLÍCIA. *Folha da Manhã*. Aju, 10 jun. 1939.

³³ CABRAL, op. cit., 1948. São categorias muito recorrentes entre os escritos que tematizaram sobre os espaços da cidade, da moradia e do prazer.

E é para os lados do Aribé, na baixa da avenida Pedro Calazans, próximo a atual avenida Sete de Setembro (antiga rua do Bomfim) e rua Divina Pastora, ainda na zona do Bomfim, que se encontrava o Curral. Constituído por um amontoado de palhoças, onde mulheres de vida livre já em estado avançado de degradação iam, como nos diz Fontes, “morrendo aos bocadinhos.”³⁴

O poeta Junot Silveira procura descrever a composição social do ambiente e a situação que encaminhou seus moradores àquela condição, segundo ele “formadas pela fome e circunstâncias, desceram até o último degrau da escala social.”³⁵ Silveira inicia seu poema de forma romântica e dramática, invocando como tragédia social a existência daquele aglomerado de vidas.

³⁴ FONTES, Amândio. *Rua de Siriri*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, p. 249.

³⁵ SILVEIRA, Junot. Curral. *Correio de Aracaju*, 18 out. 1944. “Desce o luar em chuva prateada/ Sobre o teto das casas do “CURRAL”... /É a paisagem, aquarela desgraçada/ Dessa enorme tragédia social./ Enquanto ali pertinho, na cidade/ Loira, travessa, trêfega, e vaidosa/ Abrem-se as flores da felicidade/ o jardim todo azul e cor-de-rosa://-as crianças alegres distraídas/ brincando de roda ao largo das calçadas/ e o namorados, pelas avenidas./ andam juntinhos, todos, de mãos dadas:// enquanto ali, burguezis deshumanos/ dormitam sobre os cofres recriados./ vegetam no “CURRAL” trapos humanos/ -Trapos famintos e desesperados/ São restos de mulheres infelizes/ Atiradas á lama das sargetas./ Guardando n’alma, como cicatrizes./ Beijos viscosos d’ebios e colcetas./ hoje nojentas, tristes e desformes/ essas sombras que restam de mulheres./ movimentaram fábricas enormes/ Seguindo á risca o seu destino mau/ Forçadas pela fome e as circunstâncias./ Desceram até o último degrau/ da escala social – a que distâncias!/ Beijos tiveram lábios corados./ Vermelhos de batom, plenos de anseios./ Na volúpia infernal de mil pecados/ Ás vibrações eróticas dos seios// Enquanto ali defronte, na cidade/ Luxuosa e banal, sem coração./ Fala-se muito e muito em caridade/ em amor fraternal e compaixão/- de olhos sem luz e faces esqueléticos/ cobertas de mazelas incuráveis./ desfilam tristemente, essas famélicas/ e lúgubres mulheres miseráveis// Mas o luar vai desfolhando lírios/ Sobre o teto das casas do “CURRAL”./ Esse palco de todos os martírios/ da dantesca tragédia social!/[...] triplicando a fortunas de alguns seres”//

Para o poeta, no Curral não existem pessoas e sim lembranças, sombras disformes de mulheres que encenavam o último ato de suas vidas naquele “palco de todos os martírios da dantesca tragédia social.”³⁶

É interessante perceber que o Curral ficava como que nos “fundos” da cidade, nas proximidades de seu mais nobre cartão postal – o centro. Os escritores Cabral, Fontes e Mellins tratam daquela localidade, fazendo questão de lembrá-la como região cercada por arames farpados, fazendo uma analogia aos currais de criação bovina ou mesmo aos campos de concentração.³⁷

A ampliação dos espaços públicos e sua consequente demarcação criou um ambiente de contradições sociais justificadas por práticas que fogem a legislação escrita. Até então, a prostituição parecia ser um mal presente no conhecido e já estudado centro histórico, todavia, a evolução do pensamento normatizador e a possível regulamentarização social levou ao combate da prostituição enquanto agressor de duplo caráter (físico e moral) da sociedade com “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo [cidade e/ou indivíduo], que realizam a sujeição constante de suas

³⁶ SILVEIRA, Junot. Curral. *Correio de Aracaju*, 18 out. 1944.

³⁷ “No centro de um cercado de arame farpado, como um campo de concentração, há um grupo de mocambos que constitui o mais baixo núcleo de prostituição que se possa imaginar.” CABRAL, op. cit., 1948, p. 75.

forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade [...]. Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.”³⁸

Poetas, escritores, memorialistas, bem como jornais, relatórios de governo, dentro outros elementos, nos ajudam a entender as concepções de mundo e as práticas discursivas que no centro colocam questões que envolvem espaço urbano – gênero, espaço citadino – lazer, periferação, controle social e sexualidade. Questões que se inscrevem no universo das micro-relações de poder que são permeadas pelas formas de conhecimento dominante. Longe de representar objeto exclusivo de um campo disciplinar de reflexão, a “ciência histórica”, médica ou urbanística, a cidade se constitui, e hoje mais do que nunca, em um campo conceitual em construção.³⁹

A rigidez sobre as condutas, a vigilância sobre os corpos e as normas se transformam em fábricas de subjetividades. De espaços da sexualidade desmesurada, “envenenador bálsamo” do prazer desmedido da “arraia miúda” como que se insurgiram contra

³⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 126.

³⁹ Diversos autores já se posicionaram sobre as fragilidades dos aportes teóricos clássicos aplicados aos estudos urbanos. Dentre eles podemos destacar MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Prefácio: Cidade capital, hoje? In. SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades Capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferências de modelos*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 9-18. Recentemente, Virginia Pontual e Rosane Piccolo Loretto organizaram uma coleção de estudos intitulada “*Cidade, território e urbanismo*”: um campo conceitual em construção. Olinda: CECI, 2009 que visa clarear os campos conceituais ainda abertos para a compreensão do fenômeno urbano.

a higiene, a estética, a segurança e a moral impostas por posturas socialmente exigidas, foram também espaços da moradia de atores anônimos da história. Foram espaços múltiplos, complexos, de múltiplas significações que não podemos simplificar sob o risco de que se pululem os estereótipos. Aqui “se revela não apenas o higienista, mas também o historiador, o legislador, o educador, o político.”⁴⁰

Bibliografia

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: EDUFPR, 2000.

BARBOZA, Naide. *Em busca de imagens perdidas – Centro Histórico de Aracaju, 1900-1940*. Aracaju: FUNCAJU, 1992.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAYNARD, Dilton. A redenção da raça: apologia corporal na Aracaju dos anos 30 e 40. *Revista de Aracaju*, Aracaju, n. 11, p. 87-102, 2005.

⁴⁰ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Em tempo de guerra: aspectos do cotidiano em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. UFS/PIBIC/CNPq. Relatório final. Ago. 1998.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Prefácio: Cidade capital, hoje? In. SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades Capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferências de modelos*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 9-18.

MOULIN ROUGE – História. Disponível em: <<http://www.visa.com.br/conteudo/moullinrouge/historia.html>>. Acesso em: 12 set. 2002.

PONTUAL, Virginia; LORETTO, Rosane Piccolo (Org.) “*Cidade, território e urbanismo*”: um campo conceitual em construção. Olin-da: CECI, 2009.

SILVA, Luiz Antônio Machado da. O significado do botequim. In: BERLINK, Manoel Tosta et al. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p.77-114.

SOUZA, Alyne Santana de; LIMA, Luciana. *Notas sobre a educação sexual na imprensa sergipana*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, 2008.

SILVA, Marcos Virgílio da. *Naturalismo e biologização das cidades na constituição da Idéia de Meio Ambiente Urbano*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

Fontes

AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo:

Martins, 1972.

CABRAL, Mário. *Roteiro de Aracaju: guia sentimental da cidade*. Aracaju: Regina, 1948.

COM VISITAS À POLÍCIA. *Folha da Manhã*. Aju, 10 jun. 1939.

COM VISTAS A POLÍCIA. *O Nordeste*. Aju, 22 jul. 1941.

Correio de Aracaju. O Povo de Queixa. Aju, 15 jul. 1941.

FONTES, Amando. *Rua de Siriri*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

MELINS, Murillo. *Aracaju Romântica que vi e vivi*. 2. ed. rev. e ampl. Aracaju: Norgraf, 2001.

MELO, Alberto Barreto. Namoro e urbanismo. *Revista de Aracaju*, Aracaju, n. 3, p. 47-55, 1949.

O BRAHMA. *O Nordeste*. Aju, 13 maio 1938.

O ESTADO DE SERGIPE EM 1934. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/Directoria de Estatística, 1936.

O Nordeste. Aju, 26 jan. 1939, p. 1.

O Nordeste. “Nas malhas da polícia” – “Falta de moral”. Aju, 02 ago. 1939.

RIBEIRO, Freire. *O Nordeste*. Aju, 26 jan. 1939.

SAMPAIO, Paulo. Dever e prazer. *Revista da Folha*, p. 22-25, 3 fev. 2002.

SERGIPE. Departamento Estadual de Estatística, publicidade e difusão cultural. *O Estado de Sergipe em 1935*. Ano II, Aracaju: Gráfica Editora, 1937.

SILVEIRA, Junot. Cural. *Correio de Aracaju*, 18 out. 1944.

Recebido em abril de 2011; aprovado em junho de 2011.